

## A (DES)ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DO FEMININO

**Cristia Rodrigues MIRANDA**

*Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG*

**Resumo:** O objetivo deste estudo é investigar como o problema da construção do feminino se materializa discursiva e retoricamente. Mais especificamente, como os elogios e críticas sobre maternidade, nas redes sociais (blogs), elogiam ou criticam o tema em questão. Para tanto, analisou-se o aspecto retórico epidídico, por meio da análise dos argumentos amplificadores, categorizados na forma de discursos relatados, e suas manifestações discursivas nas heterogeneidades enunciativas (discurso direto, indireto, indireto livre). A partir da análise, foi possível concluir que as representações acerca da maternidade constroem o feminino por meio do elogio e também da crítica acerca da maternidade. Tais representações do feminino, por meio da crítica da maternidade, revelam crenças e valores socialmente compartilhados que aliam as forças que tencionam as subjetividades, conforme os valores tradicionais acerca da maternidade, acionados pelo elogio, e o conflito que a maternidade gera, em relação às identidades contemporâneas em torno do feminino, por meio da crítica.

**Palavras-chave:** representação. maternidade. elogio. crítica.

## MATERNITY (DE) ROMANTIZATION: ARGUMENTATIVE CONSIDERATIONS AROUND THE FEMALE CONSTRUCTION

**Abstract:** The social networks help to circulate themes related to the social roles that women play and that contribute to the formation of the construction of an identity of the feminine. The objective of this study is to investigate how the problem of the construction of the feminine materializes discursively and rhetorically. More specifically, such as praise and criticism about motherhood, social networks (blogs) praise or criticize the issue in question. The analysis of the amplifying arguments, categorized in the form of discourses reported, and their discursive manifestations in the enunciative heterogeneities (direct, indirect, indirect free speech) were analyzed. From the analysis, it was possible to conclude that through praise, criticism has been implanted in these discourses, revealing socially shared beliefs and values while militant forces on the social role of women have been raised.

**Key-words:** representation, maternity, compliment critical.

## (DES) ROMANTIZAÇÃO DE LA MATERNIDAD: CONSIDERACIONES ARGUMENTATIVAS ALREDEDOR DE LA CONSTRUCCIÓN FEMENINA

**Resúmen:** El objetivo de este estudio es investigar cómo se materializa el problema de la construcción de lo femenino de manera discursiva y retórica. Más específicamente, como los elogios y críticas sobre la maternidad, en las redes sociales (blogs), elogian o critican el tema en cuestión. Para este propósito, se analizó el aspecto retórico de la epidemia, a través del análisis de los argumentos amplificadores, categorizados en forma de discursos reportados, y sus manifestaciones discursivas en las heterogeneidades enunciativas ( discurso libre directo , indirecto, directo). A partir del análisis, fue posible concluir que las representaciones sobre la maternidad construyen lo femenino a través del elogio y también las críticas sobre la maternidad. Tales representaciones pretenden subjetividades , de acuerdo con los valores tradicionales sobre la maternidad, provocados por los elogios y el conflicto que genera la maternidad, en relación con identidades contemporáneas al redor de lo femenino a través de la crítica.

**Palavras-clave:** representation. maternidad. compliment. Critical, critica.

### INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, tanto no âmbito acadêmico, quanto fora dele, as representações sociais construídas em torno do feminino, na sociedade contemporânea. No âmbito acadêmico, correntes teóricas - da antropologia, sociologia, teoria literária, crítica da cultura, psicologia social, do discurso, entre outras, tentam examinar quais os aspectos da construção do feminino estariam relacionados aos papéis sociais, desempenhados pela mulher na sociedade contemporânea e que são evidenciados-ou denunciados - junto ao feminismo teórico, como também o feminismo em rede. Nos estudos discursivos, o tema tem, muitas vezes, erigido como objeto de análise. Dessa forma a crítica e o feminismo deixa resvalar as identidades sociais e discursivas que se formam através dos imaginários, conforme determinados valores vigentes. Mais especificamente, os lugares de fala 'permitem', por assim dizer, essas construções. O processo discursivo da construção do feminino pode ser pensado a partir da relação entre as representações, os valores e a relação entre o indivíduo e as suas determinações históricas. Nesse sentido, como nos lembra Zoppi-Fontana (2017), os processos de individuação do Estado e os processos de dominação e poder que configuram uma formação social e as identificações de gênero trabalham os processos imaginários de reconhecimento de outras formas de existência, produzidas por processos de subjetivação.

No jogo especular de reconhecimento das formações imaginárias e de projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no

mundo , ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades , em toda a sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte da constituição do sujeito do discurso.(ZOPPI FONTANA, 2017 p. 65),

Esse reconhecimento das formações imaginárias, segundo a mesma autora, se faz notar por meio dos lugares de enunciação; os quais configuram um modo de dizer ( circulação , legitimidade, organização enunciativa ) e que também são afetados pelos processos históricos de silenciamento ( cf. ORLANDI , 1990).

As configurações das identidades contemporâneas, como as produzidas em lugares da construção da identidade do feminino podem ser notadas, sobretudo, em trabalhos em mídia, publicidade, discurso político, jurídico, entre outros. As subjetividades e seus lugares de enunciação ligam a construção da opinião em redes sociais; para nós elas constituem um novo viés de circulação discursiva da opinião e um novo matiz de construção das identidades, como as do feminino:ou seja, os sentidos são produzidos em cadeia, e muitas das vezes de maneira conflitantes, e até antagônicos.

No plano enunciativo, pode –se afirmar, de antemão, que a própria maternidade elege lugares de fala em que se é permitido determinadas enunciações , e negadas outras tantas . Com efeito, na esfera pública, vários domínios, tais como as redes sociais, fazem circular temáticas relacionadas aos papéis sociais que a mulher exerce e que denunciam problemáticas sociais.

Nesse artigo, pretendemos problematizar a relação entre a representação do feminino, pelo viés da construção do objeto discursivo da maternidade, como um lugar de fala, construído retoricamente pela crítica e pelo elogio do objeto em questão. Temos, como hipótese, que esse lugar é marcado, exatamente, pelo embate entre a crítica e o elogio do objeto em questão; ou seja, um lugar retórico que constrói efeitos de adesão e que revela a tensão em torno do objeto.

Do ponto de vista discursivo e retórico, é nosso interesse saber como o lugar enunciativo da maternidade se materializa no discurso, apontando para o elogio, ou para a crítica, A materialização enunciativo/discursiva da construção da representação da maternidade deixa resvalar, ao nosso ver, um problema retórico. Dito de outro modo, a representação da maternidade estaria relacionada à maneira como se elogia, ou se critica, o feminino perante a seus papéis sociais e aos valores vigentes:

- ✓ a construção dos argumentos epidícticos (entimemas), mais especificamente, a amplificação<sup>1</sup>.
- ✓ a maneira como a enunciação constrói os pontos de vista que apontam para o elogio e/ou a crítica da maternidade.
- ✓ Como o jogo da construção enunciativa e discursivo-retórica, do lugar de fala da mulher, na maternidade, constrói a identidade feminina contemporânea, apontando para os valores, convergentes, ou divergentes, na constituição das identidades.

Para análise, escolhemos como *corpus* de investigação um conjunto de blogs, disponíveis na web site, cuja temática principal é a maternidade, contendo tanto o caráter de crítica, quanto de elogio, acerca do objeto em questão. Neles, as autoras constroem relatos de caráter biográficos, dão informação e oferecem dicas aos seus leitores(as), em torno de assuntos relacionados à maternidade. Muitos dos textos dizem respeito a auxílios de caráter de autoajuda, nos quais as mães internautas se amparam. Outras possuem uma vertente militante que denunciam as formas e violências sofridas pela mulher, na condição da maternidade, como a violência obstétrica, por exemplo. Os blogs escolhidos para análise são: *Quartinho da Dany: um blog sobre maternidade e infância*, (<http://www.quartinhodadany.com.br/>) e *Cientista que virou mãe*. Os temas escolhidos para a seleção do corpus são os que : puerpério, profissão, rede de apoio etc.

A estratégia metodológica será analisar o viés retórico- argumentativo da construção do elogio/ e ou da crítica. Através de categorias linguístico-discursivas contidas na amplificação, consideraremos os discursos relatados e suas maneiras de inscrição no discurso (através do fenômeno das heterogeneidades mostradas - discursos direto, direto e indireto livre, ironia) - que demarcam linguística e discursivamente os argumentos amplificadores ou pseudoargumentos.)

Nesse sentido, consideraremos que a construção discursiva do objeto da maternidade, nos blogs, possui um aspecto retórico, a saber o elogio e ou a crítica do objeto maternidade,

---

<sup>1</sup> A amplificação é reconhecida como uma argumentação especificamente epidíctica que tem sua natureza entimemática (ou seja, os raciocínios do Tipo inconcluso) mas que têm valor de argumento retórico. DANBLON (2001).

através da estratégia da amplificação. Desse modo, o elogio retórico, diferente dos gêneros deliberativos e judiciários, nos quais se verificam verdadeiros combates em torno da razão, admite tanto a dimensão argumentativa (Amossy, 2011) quanto a orientação argumentativa (Plantin, 2005). Em nosso trabalho de doutoramento, verificamos que o epidídico, como postulou Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), possui um papel central na argumentação. Desse modo, ele manifesta-se tanto em estratégias de argumentação, em que se leva em conta a amplificação, quanto também na demonstração. Linguisticamente, o epidídico revela-se, tanto nas asserções, quanto nos discursos relatados. Para esse trabalho, analisa-se o elogio retórico, a partir dos discursos relatados e o seu caráter amplificador no papel da construção das representações, acerca da maternidade.

### 1-RETÓRICA DO ELOGIO E ARGUMENTAÇÃO

A Retórica, desde os Estudos Clássicos, esteve ligada à lógica verbal, ou à argumentação. Segundo Meyer, prefaciando Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a retórica é o espaço da razão que deve tratar os argumentos que orientam as decisões. Sobretudo Aristóteles[1958](1998), em *Os Tópicos*<sup>2</sup>, a Retórica Clássica estava ligada às técnicas discursivas de colocar em assentimento uma tese. Ou, em outros termos, técnicas que visavam a adesão do auditório, em torno de premissas prováveis, através dos silogismos analíticos e dialéticos. Durante muito tempo, a Retórica Clássica ficou conhecida como as técnicas que propunham estratégias de lidar com a batalha em torno da razão, ou aquilo em que, em cada caso, era capaz de gerar persuasão. Nesse período clássico, o legado Aristotélico acerca da retórica contribuiu para o que, doravante, se produziria, em termos teóricos, estudos acerca da lógica natural, a argumentação, língua e discurso.

A tripartição da Retórica Clássica, em gêneros, está intimamente ligada à atuação das provas retóricas e sua eficácia no discurso. Embora esse enquadramento em gêneros da Retórica se atribua, também, a outros pensadores, contemporâneos e predecessores de Aristóteles[1958](1998)<sup>3</sup>, é a classificação aristotélica, através da tripartição em gêneros, que ficou mais conhecida no pensamento ocidental: Para cada gênero, as finalidades eram definidas como: a) no deliberativo, aconselhando o útil, b) no judiciário pleiteando o justo c) e no epidídico

<sup>2</sup> Quinto capítulo de *Organon* da obra Aristotélica

<sup>3</sup> Conforme se pode atestar através dos estudos de Pernot (2000), acerca do epidídico e seu percurso de valorização/desvalorização no mundo greco-romano.

que tratava do elogio e da censura se ocupando com o belo e o feio. Para essa classificação, Aristóteles[1958](1998), tomava como um dos parâmetros principais para o enquadramento em gêneros, o ouvinte (*pathos*) e o seu papel de atuação na cena discursiva. Em cada um deles, o auditório constituía-se por: i) membros de uma assembleia (deliberativo); ii) juízes de um tribunal (judiciário); iii) expectadores de uma cerimônia (epidítico). Segundo alguns críticos de Aristóteles[1958](1998), no que concerne ao epidítico, tal como Pernot (2000), ao atribuir um papel menos responsivo ao auditório Aristóteles atribui a esse gênero uma função menos importante na Retórica. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) reconhece que, para esse gênero, trata-se do reconhecimento de valores, mas faltou aos teóricos do discurso, após Aristóteles[1958](1998), uma discussão acerca da ideia do belo e do bom como objeto de discurso, pois atrelaram essas noções ao valor estético. Entretanto, se o Gênero Epidítico possui uma função social menor, por que integrá-lo à Retórica, como pleiteou Danblon (2001)?

Pernot (2000), por sua vez, se dedica a explorar a função social do epidítico, como uma das mais importantes atividades do mundo greco-latino. Para ele, tanto nas laudações (discursos fúnebres), ou nos encômions (vários campos de atividade humana) como os teatros, as cerimônias em casamento, políticas, etc, que se destinavam à exaltação do belo e do bom, a retórica do elogio e crítica eram atividades discursivas primordiais pois estavam no centro da vida social. Para Pernot (2000), os laços de coesão social são fortemente aprimorados nas atividades de elogio, ou de crítica, pois diferente de Aristóteles[1958](1998), Pernot (1993) considerava que através da louvação, ou da crítica, os elos entre orador e auditório precisavam ser identificados no discurso, por meio de uma plataforma comum de valores, através da louvação e da crítica.

O Tratado da Nova Retórica de Perelman Olbrechts-Tyteca, [1996](2005) é, na atualidade, um dos marcos teóricos que ressalta a retomada e a valorização da Retórica para a compreensão do funcionamento da argumentação, como lógica discursiva no mundo moderno. O primado de Perelman e Tyteca [1996](2005) consiste, sobretudo, em resgatar a arte de argumentar, através e a partir das opiniões comuns e de um raciocínio dialético e que ficara conhecida, também, como a lógica do razoável. Constitui-se um marco, também, por devolver os estudos da argumentação<sup>4</sup> aos estudos da linguagem. No que concerne à abordagem dos

---

<sup>4</sup> A argumentação ficara, desde o declínio da Retórica, e o aparecimento da Gramática e da Lógica, destinada a campos da demonstração e à lógica formal.

gêneros retóricos, especialmente ao epidídico, esse passa a ser caracterizado como lugar privilegiado da argumentação, no qual se destaca um papel central na arte de persuadir. “[...] e a incompreensão manifestada a seu respeito resulta de uma concepção errônea dos efeitos da argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, ([1996] 2005, p. 40). Perelman e Tyteca (2005) evidenciam que o epidídico é um gênero que propicia a educação ( pelo exemplo) e a propaganda ( a amplificação ). Como ressalta que vivemos sobre o século da propaganda ( no sentido mesmo da amplificação dos objetos discursivos) podemos inferir que ele ressalta o domínio do epidídico com um papel preponderante nas atividades discursivas.

Partindo desse mesmo raciocínio, Danblon (2001) questiona sobre qual seria o papel do epidídico e se a sua intenção seria manipular, persuadindo. Ora, se em termos pragmáticos, o efeito de adesão ( que é o efeito retórico ) é diferente dos outros gêneros, importa questionar por que o epidídico, considerado um gênero de menor importância, foi integrado à Retórica. Se a sua importância concerne ao valor estilístico de suas proposições, ou se, sendo ele, considerado um gênero de menor importância, ele deveria pertencer a *techné* poética.

Ampliando a discussão proposta por Pernot (1993, 2000), Danblon (2001) estabelece uma análise diferenciada à caracterização do gênero epidídico, partindo do problema da integração entre as provas retóricas.

[...] cada um dos três gêneros é caracterizado por Aristóteles em virtude de critérios específicos. Para compreender essa classificação, é preciso lembrar que, segundo o filósofo, o objetivo da atividade retórica é a produção, por parte do auditório, de um julgamento que se baseia naquilo que é apresentado pelo orador (DANBLON, 2005 p. 22, tradução nossa)<sup>5</sup>

Segundo essa abordagem, acerca da tripartição aristotélica, a classificação dos gêneros versa sobre a função de julgamento atribuída ao auditório. Ora, sob esse aspecto, salienta Danblon (2001), os discursos epidídicos versam sobre os problemas que já foram julgados, no sentido de que não há uma posição a se tomar. Talvez, por esse motivo, na classificação aristotélica, convencionou-se atribuir ao epidídico um papel de menor importância, uma vez que não caberia mais ao auditório o papel de julgar uma matéria controversa, pois ela já estava

---

<sup>5</sup>[...] chacun des trois genres est caractérisé par Aristote en vertu de critères spécifiques. Pour comprendre cette classification, il faut se rappeler que, selon Aristote, l'activité rhétorique a pour fin un jugement que l'auditoire doit produire sur la base de ce que lui présente l'orateur (DANBLON, 2013 p. 22)<sup>5</sup>.

julgada. Sendo assim, nos gêneros judiciário e deliberativo, a finalidade deôntica (de julgamento) é a natureza útil ou inútil de uma decisão.

A finalidade deôntica do epidídico define o papel do auditório de aconselhar, defender ou julgar. E, sendo assim, reforça-se o laço entre orador, discurso e auditório; ou, entre *ethos*, *logos* e *pathos*, e diminui-se a força argumentativa das proposições no epidídico, caso se considere que o que está sendo apreciado é a capacidade e a finalidade estética da exposição (laudação/*enkómion*). A natureza deôntica das ações do auditório, frente ao papel exercido pelo orador, permite que os gêneros - deliberativo e judiciário - apresentem uma argumentação em torno da disputa pela razão, ou pelo razoável, que transforma os discursos em verdadeiros “combates argumentativos”, nos quais se podem reconhecer as matérias controversas (DANBLON, 2001).

Ora, a persuasão, como fim a que se destina o empreendimento retórico, produz o efeito de adesão, nos gêneros em questão. Entretanto, também no epidídico, o efeito de adesão existe; embora seja pré-existente. A tese apresentada pelo orador precisa, sempre, de uma adesão, mas a intensidade de adesão só pode ser conseguida através do reforço aos valores, ou seja, através da amplificação e dos exemplos. Nessa perspectiva a adesão dependeria daquilo que une orador e auditório, ao objeto referenciado: a plataforma de valores, nos termos de Cassin (1990). O que une orador e auditório não é um assentimento à tese em questão. Ora, se o epidídico possui um efeito de evidência, que se deixa revelar nas asserções, como por exemplo - ‘Catherine c’est belle’-, significa que o elogio é uma espécie de exclamação que o orador deixa escapar. O elogio funciona como uma ‘significação natural’, nos termos de Grize (1990), pois parece estar colado ao objeto invariavelmente.

Desse modo, caberia ao orador mostrar essas evidências, por meio do elogio, ou da crítica e, ao auditório, reconhecer esses valores pré-existentes. Esse efeito de evidência, e que o elogio imprime ao objeto discursivo, só é possível pelo fato de que orador e auditório se apoiam na homonóia, ou elo que une uma coletividade aos valores que a sustenta. Além disso, o epidídico reforça a disposição para uma ação pois provoca a adesão por meio do reforço amparado em valores pré-existentes.

Concordamos com Danblon (2001), quando defende que não há que se considerar, tal como fez Aristóteles, [1958](1998), o epidídico como um gênero de menor importância. Se

assim o fosse, e se suas características fossem menos retóricas e mais estilísticas, era mais útil integrá-lo à *techné* poética. Ora, se ainda podemos considerar o epidídico como um gênero retórico, podemos mencionar a natureza integrativa do gênero em questão, que une as provas retóricas através dos valores.

## 2. OS ARGUMENTOS EPIDÍCTICOS : A NATUREZA COGNITIVA DAS AMPLIFICAÇÕES

A amplificação, como técnica argumentativa, visa salientar as virtudes do objeto louvado, ou as visões prototípicas/estereotipadas dele. Disso reconhece-se uma dimensão puramente emotiva, ou perceptual, que liga o discurso ao seu orador, através dos valores que o orador supõe que o auditório neles reconhecerá.

Por esse aspecto, considera-se, também, que a estratégia da amplificação do epidídico seja reconhecida de maneira diferente, se comparada com as dos gêneros deliberativo e judiciário, respectivamente, o exemplo e o entimema. Entretanto, a natureza inferencial da amplificação não se efetiva mesma maneira que nos argumentos retóricos em outros gêneros[...] ou se preferimos não se trata de um esquema argumentativo que o orador convida o auditório a percorrer (DOMINICY, 1996, p. 69, tradução nossa).<sup>6</sup>

O argumento da amplificação não se apresenta como uma estrutura demonstrativa (o silogismo lógico): argumento intencionalmente utilizado em virtude de persuadir o auditório. Ele se apresenta como um tipo de exclamação que o orador deixa escapar e parece constituir-se como um argumento “natural”, e que o auditório (*pathos*) reconhecerá facilmente (DANBLON, 2001). Desse modo, a função do orador é resgatar o que já está lá no objeto e, amparado em valores, se presume que será facilmente reconhecido pelo auditório.

Ademais, a amplificação (como estratégia de argumentação epidídica) não aciona apenas elementos emocionais<sup>7</sup>, mas conduz ao razoável, a partir do raciocínio entimemático. O gênero epidídico age, dessa forma, reforçando a adesão em torno dos valores (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA [1958] 2005), pois não parte de um esquema argumentativo (do tipo do raciocínio silogístico) que o orador convida o auditório a percorrer (cf. Dominicy, 2001), mas amplifica as

<sup>6</sup> “[...] ou, si l’on préfère, il ne s’agit pas d’un chemin argumentatif que l’orateur invite l’auditoire à parcourir.” (DOMINICY, 1996, p. 69)

<sup>7</sup> Evidenciados, por exemplo, pelos atos ilocutórios expressivos, exclamativos.

características do objeto em questão construindo o efeito de evidência, pois ativam elementos que desencadeiam essa racionalidade. É desse modo que Dominicy (2001) considera que o epidídico, enquanto um gênero retórico, constrói a mise-en-scène dos valores.

De igual modo, o efeito de evidência aumenta as intenções de persuasão, no sentido de que força o interlocutor a uma tomada de decisão. Ora, se não existe uma escolha de uma ação a se conduzir, podemos, igualmente, dizer que, ao propor o reconhecimento de valores que se pressupõem que já estão lá no referente a amplificação reforça os mesmos valores.

Em Aristóteles[1958](1998), a função principal da linguagem é a assertiva: a função de construir verdades e proposições para o mundo. Por outro lado, tem-se que o discurso é o centro da vida política e por ele circulam os fatores de coesão entre os cidadãos, ou seja, os valores, ou a doxa (CASSIN, 1990). Nesse caso, então, a linguagem teria função assertiva, pois, para garantir a coesão, em torno desses valores, a linguagem retórica não teria o objetivo de conduzir a uma verdade, ou de descobri-la, mas de descrever, tanto quanto for possível, a realidade que nos cerca, através dos laços de coesão social.

Por esse aspecto, a problemática epidídica pode ser considerada uma problemática representacional, na qual os valores exercem uma função preponderante para a construção do “efeito de evidência” e por que, também, visa o reforço à adesão a uma tese pré-existente, como pleiteou Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1983] 2005). E mais ainda, se a construção do elogio dá-se por raciocínios entimemáticos, com argumentos razoáveis, e não apenas emocionais, podemos inferir que a orientação argumentativa contida no epidídico nos faz pensar que os processos referenciais podem ser estratégias de construção do elogio. Essa função de coesão estabelece uma relação em que o objeto louvado se configura como a encarnação das virtudes dos cidadãos e com a coesão social. A retórica epidídica é, com efeito, a retórica dos valores, pois depende dos fatores de coesão social que visa o reforço à adesão, e constrói os efeitos de evidência, em torno do objeto de julgamento.

### 3. O CAMINHO ARGUMENTATIVO DA AMPLIFICAÇÃO

Se a argumentação, pelo raciocínio que conduz ao razoável, leva a um efeito de evidência, a natureza inferencial do argumento amplificador do epidídico constrói uma estratégia diferente de persuasão.

Como vimos na sessão anterior, uma estratégia da amplificação é fazer com que o elogio, como efeito de evidência, possa pertencer a uma espécie de “significação natural”, nos termos de Grize (1990). É como se o elogio/ou a crítica estivessem colados ao objeto, e que o locutor, por sua retórica, deixasse escapar uma espécie de exclamação.

Para que o objeto louvado possa ser considerado digno de elogio, ou de crítica, é preciso, ainda, que “ele construa uma encenação de condições naturais e consiga estabelecer, entre a instância de produção e de recepção, predisposições individuais e coletivas” (MIRANDA, 2017 p.80). Nesse sentido, essa significação natural que o elogio precisa ressaltar passa a ser uma problemática dos valores, pois precisa ativar um conhecimento de mundo, na forma de discursos sociais, pressupostamente comungados entre os interlocutores, que constroem o efeito de evidência.

#### 4. OS DISCURSOS RELATADOS E A CONSTRUÇÃO DO ELOGIO

O fenômeno da heterogeneidade discursiva é tributário dos estudos de Authier-Revuz (2004b), que distingue a marca da presença do discurso do outro em dois tipos de heterogeneidade enunciativa: a mostrada e a constitutiva. Para nós, a coexistência de vozes no discurso constrói uma orientação argumentativa ao nível do elogio, amplificando ou demonstrando o objeto discursivo. Eles organizam um determinado consenso aparente, mesmo que essas vozes possam ser ora hierarquizadas, ora equipolentes, como queria Bakhtin (1995). As heterogeneidades - constitutiva e mostrada - constituem, assim, uma marca dos estudos discursivos para o fenômeno da polifonia descrito nos estudos filológicos de Bakhtin (1995).

Retomando a questão dos discursos relatados, os trabalhos de Authier-Revuz (1998, 2004a, 2004b) analisam os processos enunciativos que visam reconhecer a presença do outro nos discursos. Sendo assim, reitera dois processos igualmente recorrentes, na forma como considera as heterogeneidades, constitutiva e a mostrada, no discurso, sendo essa última marcada (por aspas, travessão, no discurso monologal escrito).

Como argumento amplificador, no epidítico, os discursos relatados, mais que revelar essa forma de heterogeneidade, marcam a interrelação, entre o social e o enunciativo; de tal modo que deixa resvalar os lugares de fala, que atravessam as representações, por meio do interdiscurso, ou da doxa. Assim, para que as vozes que circulam, por meio da voz do locutor,

possam funcionar como formas de modalização (entendida como a presença de pontos de vista concordantes, ou conflitantes) que ratificam a tese do locutor, ou as rejeitam, é preciso que o interlocutor possa ser capaz de acionar os valores dos discursos sociais.

Essa relação entre os interdiscursos que circulam nos discursos relatados (tanto as formas de heterogeneidades constitutivas e as mostradas) é que, para nós, constroem o efeito de evidência, ou a ‘a significação natural’, como argumento amplificador. Consideradas como processos distintos, a heterogeneidade constitutiva é definida como “[...] processos reais de constituição dum discurso”, e remete às maneiras de re-arranjos do interdiscurso nas materialidades discursivas. A heterogeneidade mostrada, por sua vez, define-se como “[...] processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.32).

É importante ressaltar que abordagens dessas heterogeneidades apontam para, discursivamente, um melhor entendimento do que seja a relação da subjetividade como orientação dos pontos de vista. Do ponto de vista retórico, podemos afirmar que, igualmente, as heterogeneidades apontam para a constituição e composição do orador, já que remontam às estratégias do locutor de distribuir a responsabilidade enunciativa, ou os pontos de vista contidos no enunciado, e de co-construir a orientação argumentativa com as outras vozes do discurso. Dessa forma, os pontos de vista são distribuídos em proposições que modalizam o elogio/crítica, ou o amplificam, e constroem uma credibilidade compartilhada entre o locutor principal e os outros, que através dessas heterogeneidades (discurso direto, indireto, e indireto livre, ironia), constroem os argumentos amplificadores.

Todas essas vozes são importantes, em maior ou menor grau, para a construção do elogio. Sem perder de vista essa característica constitutiva de todo discurso, a temática da heterogeneidade pressuposta atribuí ao sujeito locutor seu descentramento, e ao Outro um papel primordial na argumentação,

Do ponto de vista analítico-metodológico, nos referiremos aos discursos relatados, à nomenclatura utilizada por Authier-Revuz (1998): heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. Consideramos que esses processos são notoriamente importantes para a composição da cena retórica, e conseqüentemente da cena epidítica, sendo a heterogeneidade um fator determinante na construção do elogio, pela imagem que se constrói do objeto discursivo. Desse modo, as heterogeneidades mostradas definem-se “[...] como formas linguísticas de

representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER–REVUZ, 2004, p. 26). As heterogeneidades mostradas marcadas consideram, do ponto de vista linguístico, algumas marcas como as glosas, as aspas (para o discurso direto), as alterações sintáticas simples com os verbos *dicendi* (para o discurso indireto).

Sobretudo no que se refere, ao nosso objeto, as heterogeneidades mostradas revelam que a maternidade como objeto discursivo, é construído por meio de enunciações que criticam e elogiam a maternidade e revelam que as locutoras partem de vários outros lugares de fala relacionados ao feminino, como veremos na análise do corpus.

## 5. OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS: AS HETEROGENEIDADES NO RELATO EM BLOGS SOBRE MATERNIDADE

Os blogs sobre maternidade analisados possuem, enquanto gêneros textuais, o seguinte formato: um grande número de seguidores, uma *home page* com vários hyperlinks que dividem o grande tema da maternidade em seções. São assuntos corriqueiros, informativos, biográficos, através dos quais as autoras compartilham experiências suas e/ou de outras leitoras. Como recorte temático, escolhemos textos que trazem relatos e impressões pessoais acerca de experiências das autoras dos blogs, e das leitoras com a maternidade. Vale destacar que, para análise da construção do objeto maternidade, sob o viés do elogio e/ou da crítica, destacamos “*Amo meus filhos /odeio ser mãe*” - da plataforma *Cientista que virou mãe*. Todos os excertos dos textos aqui discutidos e analisados encontram-se disponibilizados na plataforma.

O texto relata, em primeira pessoa, uma situação corriqueira para introduzir a sua tese, mas com um olhar crítico que a autora detém sobre a cena: a autora está conversando com outras duas mães, e com uma experiência anterior sobre a maternidade, pois estavam grávidas do segundo filho. Segundo o relato da autora, todas exclamam elogios acerca da maternidade. A locutora relata a fala das outras mães em discurso indireto, introduzido pelo verbo *dicendi* “falava” em:

“A atendente ***falava*** que estava ansiosa para ter o seu bebê. A outra dizia que era uma delícia, a melhor coisa do mundo”.

A plataforma possui uma vertente militante, pois apoia mulheres grávidas, puérperas, e mães de maneira geral. Possui, ainda, um viés de cunho político, no sentido de que há um posicionamento das autoras com temas da maternidade ligados à direitos sociais, lugares de fala que são adotados pelo relato. Respondem pelo blog três autoras. Com o título, *Amo meu filho, e odeio ser mãe* a autora do texto relata uma interação e uma conversa informal com duas outras mulheres que, a exemplo da autora, também estão grávidas. Na construção do relato, ela surpreende as outras personagens da cena ao comentar:

E1	<i>“Lembro da primeira vez que recebi um olhar torto por jogar a real sobre a maternidade”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2019
E2	<i>“Não aquela maternidade fofa, onde o bebê é lindo e cada gritinho estridente é música para os nossos ouvidos”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2019.

Nesse excerto do texto, uma vez considerada a tese contida em [E1] “recebi um olhar torto sobre jogar a real sobre a maternidade”, o seu argumento contido em [E2] no qual podemos identificar a ironia contida nos discursos indireto livre, na presença de termos como “maternidade fofa”, e “gritinho estridente música para os nossos ouvidos”.

Ora o suposto “elogio” contido em E2 sobre a maternidade é marcado pela “ironia”, pois a responsabilidade enunciativa para esses elogios não recai sobre o ponto de vista que o Locutor principal parece defender. Desse modo, ‘jogar a real’ sobre a maternidade parece apontar para as críticas acerca de um tema que, geralmente, é visto sobre invólucros de muitos elogios. Desse modo, a autora convoca para a cena enunciativa os lugares de fala da mulher que, nesse espaço, precisa alertar outras mulheres acerca das ‘agruras’ dessa nova função social que estará a exercer. Mas, ao lembrar que as críticas serão acionadas ela evoca outros imaginários acerca da maternidade, na qual apenas os elogios são possíveis. Afinal, a maternidade sempre foi referenciada como semanticamente positiva. Ora, quando discutida sob outro ponto de vista, relata os problemas decorrentes dela. Nesse sentido, o argumento amplificador, a partir desse discurso relatado (heterogeneidade mostrada/não marcada), recai exatamente pelo sentido oposto que o elogio do enunciado aponta, ou seja, para a crítica.

O próprio título contendo a asserção “amo meus filhos odeio ser mãe” já traz consigo uma ambivalência contida nos termos lexicais ( amo/odeio) que se evidenciará enunciativamente na construção em torno do objeto. Logo, a conjugação do conflito reside

entre o amor ao filho e o repúdio às funções sociais, ou as representações ligadas à maternidade, os quais marcam a tensão entre o elogio e crítica acerca do objeto em questão que convoca, através do interdiscurso, imaginários contrários acerca da construção do feminino.

O locutor do texto aciona os lugares do elogio à maternidade para criticá-las e escolhe, para isso, como viés discursivo, a ironia, através do discurso direto livre que, para nós, ganha o status retórico de argumento amplificador. Em outro trecho, podemos destacar:

E3	<i>“Pela expressão na cara das duas, eu provavelmente <u>pareci uma assassina psicopata louca que deveria ser internada agora, já.[...]</u>”.</i> Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2019
E4	<i>“<u>Que tipo de mãe fala isso, certo? Eu deveria ser realmente uma pessoa péssima [...]</u>”.</i> Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2019
E5	<i>“<u>Quem, em sua consciência, tem vontade de se matar tendo um bebê fofo, risonho e cheiroso?</u>”.</i> Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017.

Mais uma vez, os discursos relatados indicam *E4* e *E5* a presença de vozes, ou de pontos de vista, que expressam uma orientação argumentativa diferente daquela que parece ser a do Locutor, ou da autora. Ou seja, o Locutor aciona lugares enunciativos que parecem criticar o ponto de vista da tese principal: a de que a maternidade possui desafios relacionados, principalmente, aos papéis e lugar da mulher/mãe em questão, que são difíceis de serem inseridos no contexto social, pois envolvem conflitos em torno de um sujeito que integrou uma nova função que não é tão somente do âmbito privado, mas também do coletivo. Os argumentos amplificadores se constroem, linguisticamente, nesses excertos, principalmente, pela locução verbal verbo no pretérito perfeito (deveria ser uma pessoa péssima), e mais uma frase interrogativa em que o locutor pressupõe o julgamento das interlocutoras, após ter relatado parte de uma conversa em que todas elogiam a maternidade, dizendo ser ‘uma delícia’. E a locutora retomaa, em forma de discurso direto, a sua própria fala:

E6	<i>“É uma delícia mesmo. Mas tem hora que dá vontade de se matar”.</i> Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
----	--

Também nesses casos, os enunciados (*E3*, *E4*, *E5*) enquanto discursos relatados em forma de heterogeneidade mostrada, atuam como argumentos amplificadores da crítica acerca da maternidade, através da ironia que os discursos relatados de outrem trazem como uma marca da polifonia presente no texto que conjugam crítica do locutor (e elogio de outrem). Afinal, a

conjugação dessas vozes representa o conflito das representações sociais dos vários papéis requeridos e desempenhados pelas mulheres e as opiniões divergentes e convergentes sobre esses papéis. O elogio, pois, evidencia o conflito dessa subjetividade colocada em questão: os imaginários que aliam a maternidade à realização feminina, no âmbito privado, e no âmbito coletivo, de forma positiva.

Por outro lado, para reforçar a tese de que a maternidade é árdua, ou para criticá-la, tem-se a asserção:

E7	<i>“Em um mundo onde caminhamos em desigualdade desde antes de nascer (vide as meninas que são abortadas na Índia pelo fato de serem... meninas)”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumae.com.br">www.cientistaqueviroumae.com.br</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
----	--

Nesse enunciado a locutora do texto ressalta a desigualdade como característica determinante ao gênero feminino e, para amplificar essa crítica, faz uso do exemplo em que fetos não têm direito à vida. O enunciado marca a desigualdade, o acesso a poucos direitos, ou a direitos essenciais, como a vida, como algo importante a se enfatizar. Consequentemente, as críticas que ratificam o ponto de vista principal da locutora, marcado pelo dêitico ‘nós’, ressalta a desigualdade através do exemplo que amplifica essa mesma desigualdade: o não direito à vida que denota uma política de intolerância ao gênero, estreitamente ligadas às condições humanas de vida, relacionadas à construção do feminino e os imaginários que cercam a construção desse gênero.

Para dar amplificação a esse ponto de vista (da desigualdade) temos os seguintes relatos, em forma de discurso direto livre, que vêm após a asserção:

E8	<i>“As fantasias de namoro? Uma família lindíssima, talvez um cachorro. Será que ele será um bom pai? E agora o bebê nasceu, o que faço com o trabalho? Não, não posso querer trabalhar, seria muito egoísmo da minha parte. Nossa, talvez eu não deva reclamar tanto das noites em claro sozinha, poderia ser bem pior. Eu poderia não ter um marido e meu filho. Droga, já faz meses que o bebê nasceu, mas ainda não voltei ao meu peso... Daqui a pouco vão achar que eu não me cuido. Será que meu marido está reparando nisso? Será que eu deveria dar mais atenção a ele? Mas eu me sinto tão cansada, às vezes só quero dormir... Mas bem, quem falou que seria fácil, não é?”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumae.com.br">www.cientistaqueviroumae.com.br</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
----	---

Todos esses discursos relatados retomam o conflito que, retirados das opiniões comuns, compõem a plataforma de valores e materializam os conflitos que perpassam a vivência da maternidade: aquela idealizada, conforme os valores coletivos ( bom pai para o filho, a

constituição da família completa, incluindo o animal de estimação, funcionam, pois, como argumentos amplificadores da crítica sustentada pelo locutor principal, acerca do objeto maternidade). Tanto que é ratificada, em outro parágrafo, pela asserção:

E9	<i>“A historinha (verídica!) que contei ali em cima é o resumo de ser mãe na sociedade atual”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviromãe.com.br">www.cientistaqueviromãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
----	---

Em outro texto, da mesma plataforma - *As mulheres e o pós-parto – A voz das brasileiras* - o texto relata, sob o status de uma tese, a quantidade de comentários que uma grávida e puérpera terá de conviver. Relata, ainda, que após a chegada do bebê as perguntas **mudam** :

E10	<i>“Dorme bem? Quantas vezes acorda para mamar? Como foi o parto? Está mamando? No peito ou na mamadeira? Já introduziu outros alimentos? Já engatinhou? E os dentinhos? E o cocô? E seu peso, já voltou ao que era? Já foi pra creche? [...]”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviromãe.com.br">www.cientistaqueviromãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
-----	--

Os discursos relatados aqui, em forma de discursos indiretos livres, visam amplificar a tese de que a atenção das pessoas, o cuidado e a preocupação, após o nascimento do filho, recaem inteiramente sobre o bebê, e que há mais críticas sobre a mãe que preocupação com ela. Tanto que a descrição desses relatos, através dos discursos relatados de supostas falas, e de como vozes sociais exclamam uma preocupação com o bebê e, conseqüentemente, com a cobrança exacerbada da responsabilidade do papel social que a mulher agora representa.

E10	<i>“Como você está? Você está bem? Como está sua adaptação? Como estão seus sentimentos? Posso te ajudar? Como posso te ajudar? Do que você está precisando? Quer falar sobre isso? [...]”</i> Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviromãe.com.br">www.cientistaqueviromãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
-----	--

E em seguida passa a construir o relato de modo a evocar os elogios sobre a maternidade para, depois, refutá-los ou criticá-los; em uma encenação dialógica que expõe o ponto de vista da doxa (em forma de uma série de evocação de opiniões comuns) e o do locutor. Esses casos de dialogismo e a polifonia expõem o elogio à maternidade, bem como sua crítica.

E11	<i>“Enquanto continuamos a falar coisas incríveis <u>sobre parto, sobre ser mãe, sobre o nascimento do bebê, sobre a imensidão deste amor, sobre como seu primeiro sorrisinho é inebriante (e é, é mesmo), sobre como cheirinho de bebê em casa é incrível (e é, é mesmo), enquanto cercamos a maternidade e a chegada de um bebê com uma aura de encantamento e deslumbre, deixamos de falar sobre algo que, <u>SIM, PRECISAMOS FALAR: sobre como tudo isso pode ser difícil. E doloroso. E sofrido. E solitário. E desafiador. E sim, pode</u></u></i>
-----	--

<i>ser mesmo. Muito</i> ”. Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
--

Através dos discursos relatados, com a opinião corrente sobre a maternidade -“coisas incríveis sobre o parto, sobre o nascimento do bebê, sobre a imensidão deste amor/ sobre como sorrisinho é inebriante..( e é mesmo)”- a locutora ratifica todos os pontos de vista positivos sobre a maternidade para, em seguida, confrontá-los com outra voz: a que conjuga a opinião dominante do texto: **a** de que a maternidade apresenta dificuldades, sofrimentos, incertezas e angústias na mulher.

Esse confronto de pontos de vista, e ou de opiniões, ajudam a construir a crítica sobre o objeto em questão. O advérbio “enquanto” conclui a tese sobre como a maternidade é elogiada “ com uma aura de encantamento”, e é confrontado com o contra-argumento que parece ser o ´ponto de vista, ou a tese do locutor principal: “deixamos de falar sobre algo que SIM PRECISAMOS FALAR sobre como tudo isso pode ser difícil, e doloroso e sofrido e solitário e sim, pode ser mesmo, muito”.

Se os discursos relatados, em forma de heterogeneidade mostrada/ não marcada, (os discursos indiretos livre), por meio da ironia, apontam, falsamente, para o elogio, acerca do tema em questão, o contra-argumento parece concluir a crítica acerca da maternidade, ratificando a tese de que a maternidade e o pós-parto podem ser muito difíceis, diferente do que aponta a opinião comum. A partir daí uma série de asserções, em formas de discurso indireto livre, construídos em primeira pessoa, serão amplificadores da crítica sobre a maternidade:

E12	<i>“E nos sentimos sozinhas. E achamos que não vamos dar conta. Que não vamos conseguir. Que nunca mais seremos as mesmas. Sentimos que algo nasceu e algo morreu. Que algo foi encontrado e que algo se perdeu. E nos sentimos incompreendidas, desamparadas, secundárias ou terciárias na ordem do dia, estranhas, incapazes de lidar com as dificuldades. E não podemos fingir que isso não acontece. Porque acontece sim”</i> . Disponível em: < <a href="http://www.cientistaqueviroumãe.com.br">www.cientistaqueviroumãe</a> >. Acesso em: 16 de out. de 2017
-----	---

Esses enunciados justapostos representam o ponto de vista que sustenta a tese do locutor principal em que reside a crítica sobre a maternidade. Ademais, o uso da primeira pessoa no plural configura-se como um lugar da enunciação que mobiliza uma convocação do imaginário dando ao enunciado uma força performativa, pois convoca o auditório à adesão, a partir dos imaginários que ele, supostamente, possui.

Funcionam, pois, como argumentos amplificadores que, por meio dos discursos indiretos livres, parecem lembrar aos interlocutores que essas sensações são também suas (*e achamos que não vamos dar conta, que não vamos conseguir... e nos sentimos sozinhos*).

## **ANÁLISE DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível perceber como, retoricamente, os argumentos amplificadores ( entimemas, representados, aqui, pelos discursos relatados) foram capazes de construir o reforço à adesão em torno do objeto discursivo da maternidade, tensionando valores e os conflitando. Sobretudo no que se refere, ao nosso objeto, as heterogeneidades revelam que a maternidade, como objeto discursivo, é construído por meio de enunciações que criticam e elogiam a maternidade e revelam que as locutoras partem de vários outros lugares de fala relacionados ao feminino.

Os elogios à maternidade, e atribuídos a outrem , por meio dos discursos indiretos, indireto-livre, e algumas formas de ironia, apontam para as representações vigentes , tanto da maternidade, quanto da construção identitária dos papéis sociais do feminino: nesse sentido, a maternidade é vinculada à determinadas funções sociais, tradicionalmente atribuídas à mulher: daquela que se realiza na maternidade e, às vezes, apenas nela.

Porém as críticas feministas, especialmente a partir das Teorias Reprodutivas, trataram de questionar as práticas sociais que a maternidade põe em xeque . Nesse sentido, como afirmamos acima, os argumentos parecem acionar o efeito de evidência, atribuindo ao objeto de discurso uma crítica, a partir de valores que são partilhados, supostamente, pelos interlocutores, embora conflitantes com os elogios acerca do mesmo objeto.

Ora, tais críticas, acionadas em primeira pessoa do plural, nas quais o locutor parece se unir ao interlocutor, deixam vir à tona as impressões e valores em torno desse objeto discursivo, ou as características do objeto criticado, de maneira espontânea, quase natural : No caso, as críticas em torno da maternidade evidenciam valores ( desafio, solidão, responsabilidade) que parecem não serem partilhados com mais ninguém: cobrança, conciliação com os outros papéis sociais, inclusive o da mulher profissional).Por isso, o locutor deixa resvalar os imaginários em torno da maternidade que centram-se na discursivização da construção da mulher em sua forma-sujeito. Essa posição é determinada, politicamente, pela condição da maternidade como o principal papel social delegado a ela e determinado sócio politicamente, como nos lembra

Scavone (2017 p. 33): “a maternidade começava, então, a ser compreendida como uma questão de construção social, que designava o lugar da família e da sociedade, isto é , a causa principal da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino”.

Com isso depende-se que a maternidade é uma forma de construção do feminino. Ora, a politização das questões privadas eclodiram com o feminismo moderno, e o corpus em questão mostra como , discursivamente, as questões acerca das identidades de gêneros perpassam o objeto maternidade. As críticas acerca da maternidade estabelecem-se por meio da amplificação dos valores acerca da conciliação desse novo papel social e a conjugação desse com outros que a mulher já possui, tal como os papéis sociais ocupados no trabalho, e as responsabilidades com a administração doméstica, que ainda é reduto feminino. Deixa evidenciar, portanto, determinados valores ainda latentes à maternidade: como a de que a responsabilidade com o recém-nascido recai ,sobretudo, à mãe; evidenciando como , ideologicamente, as posições sujeito da mulher são perpassados pelas determinações históricas da construção dessa identidade da mulher-mãe.

Essas críticas e elogios evidenciadas deixam resvalar esses valores em conflito, em forma de ‘evidências’, um já está lá: como no caso do corpus analisado, o discurso em primeira pessoa , as sensações sobre a maternidade, pressupostamente compartilhadas entre as interlocutoras, os valores em torno delas, que deixam resvalar o conflito e o embate entre os papéis sociais atribuídos à mulher ( profissional, gerenciadora do lar, esposa, etc)frente ao novo papel dessa , na maternidade ( essencialmente , aquela que será a maior responsável por todas as demandas do bebê ( e do indivíduo que ele se tornará), e que, obrigatoriamente, deve dar conta de todas elas), ou após ela.

Observamos, sobretudo, que, através da crítica, os argumentos amplificadores do epidídico, além de funcionar como raciocínios inconclusos, acionam uma plataforma comum de valores, nos termos de Cassin (1990), e que ligam os interlocutores :mas diferente da opinião vigente, essa plataforma de valores parece estar subjacente àquela que elogia o objeto louvado; talvez , por isso , ela precisa ser acionada .

Como bem lembra Danblon (2001) o epidídico é o gênero mais retórico de todos, pois atua de modo a engendrar uma *mise-em-scène* na qual os valores têm um lugar preponderante. Desse modo, o epidídico atua, no nosso século, como gênero que propicia a

propagação e a difusão dos valores. No caso do objeto discursivo em análise, através do nosso corpus, foi possível evidenciar, através dos discursos relatados, mais especificamente, dos discursos indiretos livres, os argumentos amplificadores e as representações sociais que o fundamentavam, ligados aos papéis sociais da mulher e da mãe:

Ao acionar essa plataforma comum de valores, constatamos que o objeto discursivo 'maternidade' relaciona os problemas sociais ligados ao papel que a mulher exerce, nas instâncias econômica, do trabalho, psicológica, afetiva, familiar, entre outros, tais como a atribuição do papel social da mulher/mãe se relaciona a outros papéis sociais construídos para/pela mulher. Essa construção do papel social da mulher traz, linguisticamente marcados, os valores que se harmonizam ou se chocam com essa construção, tais como os lugares (*topoi*) relacionados à profissão, engajamento político e ideológico, empoderamento feminino, e, por que não afirmar, também à maternidade. Esse lugar é muitas das vezes negligenciado, como um lugar de conflito.

A maternidade é representada, na maioria das vezes, como um objeto carregado de valores positivos, a maioria deles relacionados à realização da mulher com/na maternidade, tais como felicidade, plenitude, realização completa, harmonia, paz, construção de família, alteridade, etc. Por outro lado, a conjugação desses valores com outros como realização profissional, desafios, provisão do lar, novos arranjos familiares, como nos casos da mãe solo etc, trazem conflitos a esse novo papel social da mulher. A mãe que precisa exercer vários outros papéis sociais junto com a maternidade e isso se torna, muitas vezes, desafiador, difícil, e até sofrido.

Importante destacar que, seja qual for a nossa análise junto a valores, que regem uma determinada manifestação discursiva, e a maneira como ela se cristaliza na infraestrutura, é, de certo modo, verificar que a problemática representacional está presente na cena epidídica.

Especificamente, nesse trabalho, a problemática representacional nos apontou que a construção do feminino na contemporaneidade dá-se por vias ideológicas políticas, nas quais, durante várias décadas, as mulheres questionaram, por diferentes instâncias, os seus papéis sociais negligenciados, as várias formas de violência sofridas nas esferas familiares, profissional, moral sexual, e como a sociedade pode (re)pensar essa condição minoritária.

A construção retórica da maternidade, bem como os argumentos utilizados para evidenciar a crítica em torno da representação da maternidade, coloca em cena várias representações e lugares, papéis sociais da mulher na sociedade. Dessa forma, a amplificação da maternidade, através da crítica, deixa resvalar as representações e os imainários sobre o papel social da maternidade e os sujeitos que ela representa: não são os lugares empíricos (da mãe, da mulher) mas imagens que nossa sociedade constrói para eles (ZOPPI-FONTANA, 2001 p. 34). E esses lugares enunciativos firmam-se em valores que se transmitem, por via retórica epidídica, pois parecem reforçar a adesão em torno dos valores existentes: alguns, como os do elogio, que estão subjacentes à plataforma de valores cristalizam-se na imagem que a sociedade construiu para mulher, ao longo da história, e suas relações com o patriarcado.

Acrescentamos a isso que os lugares de enunciação são considerados a partir das relações de força (o elogio atribuídos a outrem - pelo discurso do outro- para os quais se definem a maternidade como definidora, em essência, da identidade feminina e a crítica que o Locutor assume, tensionando-as). Elas, por sua vez, constituem as condições de produção desses discursos. Assim, a construção do objeto discursivo da 'maternidade', através da *mise-en-scène* do elogio/crítica, poderá constituir-se como uma parte fundamental dos discursos de representação da maternidade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, (1958). **Retórica**. Lisboa : Imprensa Nacional/Casa moeda 1998.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **EID&A**, Ilhéus, n. 1. p. 129-144, nov. 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a.



AUTHIER-REVUZ, J. *O problema do ser em Aristóteles: ensaio sobre a problemática aristotélica*. São Paulo: Paulus, 2012.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

BOCCHI, Aline Fernandes de Azevedo. A militância feminista na Web: o funcionamento da argumentação em discursos sobre a violência no parto. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 2, p. 309-328, maio/ago. 2016.

CASSIN, Barbara. *Ensaaios sofisticos*. São Paulo: Siciliano, 1990.

\_\_\_\_\_. **L'effet sophistique**. Paris: Gallimard, 1995.

DANBLON, E. La rationalité du discours épideictique. In: DOMINICY, M.; FRÉDÉRIC, M. (Org.). **La mise-en-scène des valeurs**. La rhétorique de l'éloge et du blâme. Paris: Delachaux et Niestlé, 2001. p. 19-47.

\_\_\_\_\_. **L'homme rhétorique**. Paris : Cerf. Humanités, 2013.

DOMINICY, M. Le genre epidictique: une argumentation sans questionnement? In: HOGGAERT, Corinne. **Argumentation et questionnement**. Bruxelas: Presses Universitaires de France, 1996.

\_\_\_\_\_. L'épidictique et la théorie de la décision. MADELEINE, Frederic ; DOMINICY, M. (Org.). **La mise-en-scène des valeurs**. La rhétorique de l'éloge et du blâme. Paris: Delachaux et Niestlé, 2001. p. 19-47.

EMEDIATO, Wander (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013, p. 40-45.

GRIZE, J. B. **Logique et langage**. Paris: Operas, 1990.

MIRANDA, C. R. **Quando descrever é representar: uma análise das páginas amarelas da Revista Veja**. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei, 2007.

PERELMAN, C; OBRECHTS-TYTECA, L (1958). **Nova Retórica: Tratado da Argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERELMAN, C. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013, p. 40-45.

PERNOT, L. **La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain**. Paris: Institut d'Études Augustiniennes/ Centre National Du Livre, 1993. Tomos I e II.



PERNOT, L.. Aristóteles e seus precursores: para uma arqueologia do discurso. **Letras Clássicas**, n. 4, p. 63-76, 2000.

RABATEL, A. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: EMEDIATO, Wander (Org.). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2013, p. 40-45.

SCAVONE, Lucina. Maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu** (16)2001: pp.137-150.

ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2.**, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2001.

\_\_\_\_\_.Lugar de fala: enunciação, subjetividade e existência. Simpósio Temático 59 do 13º Women's Worlds & Fazendo Gênero 11, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, Brasil, em agosto de 2017

#### ***Cristia Rodrigues MIRANDA***

Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG, (POSLIN/FALE). É pós- doutoranda pela mesma instituição . Atua como Professora de Língua Portuguesa na Escola Preparatória de Cadetes do Ar.

*Recebido em 16/03/2020 - Aceito em 15/07/2020*